Atravessamentos de minha memória | Kellen Oliveira

O sino da igreja insiste em bater,
anunciando o novo dia nascer.
Na velha casa de madeira,
escuta-se o ranger de punhos da rede.

Bicho cisca no chão, vida eclode da terra.
Latidos espalhados são conduzidos pelo vento.
Galinhas, patos e perus pulam do mato.
Os gatos apenas observam no telhado.

O passaredo atravessa o azul do céu para o verde da mata,
na copa das árvores dizem: “O dia raiou outra vez!”
Do lado de dentro da cerca, uma infância sonhadora.
Na simplicidade, uma rotina feliz.

No verde se estabelecia a cor do mundo!
Ingenuidade era o preço a se pagar por uma vida sem dor.
A infância era feita de um tecido de sonhos e risos.

Mas do lado de fora, a vigilância constante.
O homem passa e repara. Não vê a nossa juventude.
Seu olhar transforma a menina em um alvo de ganância,
vira prisioneiro de seu prazer doentio.

A realidade abominável da pequena ilha transita.
Os peregrinos vão à procura de um lar.
Na cinzenta cidade grande tudo retorna.
Quantos casos semelhantes? Quantas dores repercutem?

Um choro surge e ninguém ouve.
Enquanto o mundo ri,

a mão abafa o assovio do pássaro que tenta voar,
estrangulam o bicho, cortam suas asas e cobrem seus olhos.
Transvestido de sua forma antiga, não se reconhece mais...

O presente tenta acolher a criança interna,
o peito aperta, e o passado diz:
“Menina, não ceda às angústias das violências sofridas.
Enquanto cortam as tuas asas, lembre-se de tuas pernas para correr!
Faça-se ouvir neste solo infértil.”

“Não escute a voz que manifesta:
‘Seja boazinha, que tudo vai ficar bem...’
O que é ser bom? O que é ser mau?
Por que seguir esta regra social?
É por essa vida que a gente vem ao mundo?”